



DANÇA NA ESCOLA PÚBLICA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

Mayanna Costa Martins¹

Renilza Machado Ramos²

Rosecleide Lima Bispo³

INTRODUÇÃO

A educação básica pública caminha, há algum tempo, para um abismo. Muitas escolas apresentam estruturas físicas precárias, as quais são incapazes de atender às necessidades mínimas da comunidade escolar. Os espaços, geralmente inadequados e sem atrativos, pouco contribuem para o engajamento dos estudantes. Simultaneamente, o corpo docente segue desvalorizado, pois enfrenta sobrecarga de trabalho, baixos salários e ausência de condições dignas para o exercício da profissão.

Esse cenário reflete uma crise estrutural enfrentada diariamente por profissionais da educação e discentes, os quais atuam para manter viva a esperança no direito a um ensino de qualidade. Tal direito pressupõe uma escola que ofereça recursos adequados, promova ações pedagógicas inovadoras, dialogue com a comunidade na qual está inserida e garanta que cada criança, adolescente e jovem sinta-se parte de um projeto coletivo de transformação social.

Em contraponto ao desrespeito enraizado no sistema educacional, a dança no ambiente escolar apresenta-se como uma ação promotora de engajamento, pautada também na Pedagogia da Esperança (Freire, 2022), a qual propõe a transformação mesmo em contextos de opressão e de negação de direitos. Mais do que um convite, trata-se de um chamado para que

¹ Doutoranda em Dança. Professora de Dança da Rede Municipal de Educação de Salvador-Ba. mayannacm@gmail.com

² Doutoranda em Dança. Professora de Dança da Rede Municipal de Educação de Salvador-Ba. renilzaramos@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Dança. Professora de Dança da Rede Municipal de Educação de Salvador-Ba. rosemelrml@gmail.com



professores, estudantes e comunidades não se acomodem diante do sofrimento, mas construam, conjuntamente, caminhos de libertação. Nesse sentido, é relevante compreender que o trabalho coletivo possui potencial para transformar a realidade e promover mudanças; contudo “a mudança da compreensão, de importância fundamental, não significa, porém, ainda, a mudança concreta” (Freire, 2022, p. 38).

Ademais, é importante perceber criticamente que o sistema educacional ainda não oferece condições favoráveis ao desenvolvimento de uma aprendizagem adequada para os estudantes. Além disso, essa estrutura reforça a desigualdade social e histórica de exclusão, sobretudo em relação à população negra, que representa a maioria na educação básica pública. Lamentavelmente, ainda não se concretiza um compromisso unificado no qual toda a comunidade escolar esteja engajada com o objetivo de promover as mudanças necessárias. Diante desse contexto, o estudo coaduna-se com Freire, o qual assevera:

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica (Freire, 2022, p. 45)

Atuar com a Dança nessa conjuntura significa também não ignorar o quanto muitos estudantes são impactados por um sistema opressor e que não os valoriza. Sendo assim, é importante perceber que cada discente possui sua história, suas potências e seus afetos. Nesse contexto, torna-se relevante constituir um caminho para fortalecer identidades, valorizar as diferenças e construir, de forma coletiva, um espaço de pertencimento, criação e transformação.

Diante disso, faz-se necessário buscar possibilidades de insurgência nesse espaço que, tantas vezes, mostra-se excludente e distante da realidade de quem o habita. Conforme argumenta Arroyo (2004, p. 134):

Quando confrontamos os saberes escolares com as marcas trazidas pelos alunos em sua condição biológica, corpórea, material, social e cultural percebemos o quanto do conhecimento socialmente produzido



ficou de fora dos saberes escolares (Arroyo, 2004, p. 134).

Assim, a inserção da Dança configura-se como uma ação capaz de restaurar nos sujeitos o direito de serem quem são, além de valorizar as culturas e as memórias do corpo no ambiente escolar. Nessa perspectiva, tal prática consolida-se como um ato de tecer modos de resistir e de criar frestas dentro de um sistema que frequentemente tenta silenciar e apagar os indivíduos. Esses modos de produção de silenciamento e de apagamento estruturam-se, igualmente, como o Dispositivo de Racialidade (Carneiro, 2023). Dessa forma, entre outras ações, o dispositivo divide e controla as pessoas para determinar quem possui ou não acesso a direitos, a oportunidades de desenvolvimento, ao conhecimento e ao reconhecimento de si.

Nesse sentido, ao abordar a Dança como ação pedagógica e política, abre-se a possibilidade de subverter tais mecanismos, o que oportuniza meios para que os estudantes de escolas públicas tenham acesso a processos de aprendizagem significativos.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A ausência de acesso a uma educação com as condições adequadas limita não apenas o contato com o conhecimento, mas também a possibilidade de ampliar horizontes sociais, políticos e culturais, de fortalecer identidades e de criar experiências de pertencimento. A Dança configura-se como uma ação de reinvenção, uma abertura para outras epistemologias e uma ferramenta de construção de subjetividade, na qual cada estudante pode reconhecer-se como um sujeito pleno de saberes e de possibilidades. Como área do conhecimento, essa arte contribui para o desenvolvimento crítico e para a formação de um espaço educativo inclusivo, o qual reconhece as diversidades e garante às pessoas o direito de aprender e de se expressar.

Portanto, não se pode compactuar com o descaso promovido pelo sistema, que limita o crescimento cognitivo dos discentes. Reitera-se, principalmente, o impacto negativo sobre os estudantes negros e negras. Dessa



forma, tais indivíduos não encontram meios para desenvolver suas potencialidades, o que compromete a sua autonomia e o seu senso crítico. Conforme a literatura aponta, "Negros formados sob tais condições, sem protesto, tornam-se completos covardes e, na vida, continuam escravizados, apesar da emancipação nominal" (Carter, 2021, p. 28).

Vale destacar que o sistema posiciona-se de forma contrária à educação com a Dança em diversas situações, como, por exemplo: quando as salas de aula nas escolas não são devidamente adaptadas; quando os estudantes com deficiência e usuários de cadeiras de rodas precisam, ao dançar, dividir os espaços com mesas e cadeiras; ou quando os uniformes, também inadequados para as atividades de movimento, sujam-se ao final das aulas devido ao piso inadequado e rasgam-se constantemente, o que causa constrangimento. Cabe ressaltar, ainda, que os materiais didáticos oferecidos trazem, em sua maioria, referenciais que não valorizam a cultura local e não apresentam personalidades artísticas ou companhias que possam servir de referência para os discentes negros e negras.

Diante desse panorama, no qual sobressaem a exclusão, a subjugação e a desvalorização da população negra e de sua cultura, sem a devida garantia de direitos, torna-se relevante a discussão sobre a Dança e os seus benefícios na escola pública. Laban (1978), ao compreender o movimento humano como uma forma de expressão e de conhecimento do mundo, oferece contribuições valiosas para o desenvolvimento dos sujeitos. Compreende-se que as ações voltadas para a observação, para a análise e para a exploração consciente do movimento podem promover caminhos para que os estudantes se reconheçam como importantes, fortalecendo a autoestima e a autonomia. Nessa perspectiva, o trabalho com os princípios de Laban favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a composição de experiências de valorização das identidades corporais.



CONSIDERAÇÕES

É fundamental compreender o papel da Dança na escola, pois essa arte constitui uma forma de conhecimento capaz de superar os entraves encontrados no ambiente educacional. Por meio dela, torna-se possível trilhar caminhos que promovam a emancipação e contribuam para a solução dos conflitos presentes nesse espaço. Em suma, sincronizar pensamentos e atitudes que compreendam a necessidade de validar, de valorizar e de despertar as potencialidades dos discentes e dos educadores configura-se como uma ação capaz de desestruturar as barreiras impostas pelo sistema opressor, o qual ainda domina as instituições de ensino.

Ao evidenciar cada subjetividade, a Dança oportuniza a ampliação do conhecimento e do desenvolvimento humano. Assim, o engajamento político e a criação de novos rumos de autonomia, por meio de uma educação que promova a liberdade dos sujeitos, representam mais um caminho proposto por essa linguagem artística. Com a intenção de enraizar corpos e de emancipar ações, compreende-se que “não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade e, portanto, da dança” (Marques, 2012, p. 28-29). Almeja-se, então, que as práticas emancipatórias de Dança na escola sejam cada vez mais prementes e insurgentes.

Ademais, por seu caráter insurgente, a Dança encontra na Pedagogia da Esperança diversos caminhos para ultrapassar as barreiras do sistema, fortalecendo-se em seu papel transformador. Ainda que, de forma isolada, não seja capaz de realizar tais mudanças estruturais, essa área do conhecimento endossa e reage diariamente a essas necessidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

WOODSON, Carter Godwin. **A (des)educação do negro**. Tradução e nota de Naia Veneranda; prefácio de Emerica. São Paulo: Edipro, 2021.